

Madalena, que morre tuberculosa, sozinha, sem o marido Pedro, emigrado, apenas ajudada pela Ti Rosa. A feira anual, na sua singeleza, é, no entanto, o lugar do sonho para as crianças, o único momento anual de uma vida festiva. A criança que mais nos comoveu foi o Gaitinhas – ele só queria ter umas botas para ir à escola.

Em 1977, Álvaro Pina publica o livro *Soeiro Pereira Gomes e o futuro do realismo em Portugal*, no qual considera ser *Esteiros* um romance perfeito no interior de um novo realismo, ultrapassado que fora o velho realismo queirosiano. No mesmo ano, José Saramago encontra-se a escrever *Manual de Pintura e Caligrafia*, defendendo a incapacidade da pintura e da escrita efetuarem uma verdadeira representação da realidade. Em 1980 e 1982 publica *Levantado do Chão* e *Memorial do Convento*, que subvertem o então designado “realismo” de Soeiro. Confessa então, a o *diário* de 21 de novembro de 1982, a propósito do lançamento de *Memorial do Convento*: “O meu realismo é um realismo de portas abertas”. Ou seja, tudo nele estilisticamente cabe, o épico e o lírico, o fantástico e o mítico, a história e a atualidade, o maravilhoso e a reflexão ensaística, acusando sub-repticiamente o antigo realismo (em que certamente incluía o neorealismo, mas não cita esta palavra) de se encontrar encarcerado no interior de uma estética limitada.

Não é de admirar que um dos poucos leitores a criticar *Memorial do Convento*, cuja qualidade estética reunia um amplo consenso, de Óscar Lopes a Clara Rocha e Luiz Pacheco, foi justamente



Soeiro Pereira Gomes

Álvaro Pina. Antes de Saramago, há muito, desde *Bastardos do Sol* (1959), que Urbano Tavares Rodrigues cruzava o realismo socialista (as condições económico-sociais de vida) com a filosofia existencialista (o universo da consciência, incluindo nesta as pulsões eróticas do corpo) – para falar só de autores militantes do Partido Comunista Português.

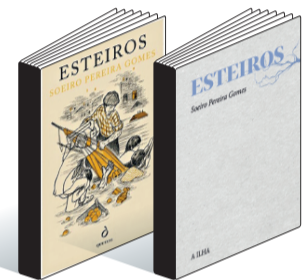
A “extrema sobriedade” (Álvaro M. Machado, *Dicionário de Literatura*

Portuguesa, 1996, verbete sobre o autor) de Soeiro Pereira Gomes, na década de 40, explodiu num fogo de artifício barroco na caneta de José Saramago, na década de 80.

Sim, Álvaro Pina tem razão, *Esteiros* é um romance literariamente perfeito para aquela década. Foi pena não ter também considerado *Memorial do Convento* um romance perfeito para um novo período literário. Já numa outra fase, o próprio Saramago, numa entrevista a José Carlos

de Vasconcelos, no JL, de 18 de abril de 1989, anuncia uma pequena-grande alteração no seu estilo: “Eu penso que as minhas características de narrador, que têm a ver com a articulação do diálogo, a ligação entre o discurso direto e indireto, certo tipo de pontuação, são uma questão arrumada. O que noto em mim mesmo é uma espécie de desbarroquização da linguagem. (...) É o *Memorial do Convento* que me põe essa espécie de marca, ‘marca barroco’. (...) No que respeita à linguagem apetece-me [hoje] ser mais claro...”.

Vinha aí o *Ensaio sobre a Cegueira*, um novo *Esteiros*, agora não para Portugal e para crianças, mas para o mundo inteiro e para homens e mulheres adultos. **JL**



► *Soeiro P. Gomes e Saramago*
ESTEIROS

Quetzal, 251 pp, 16,69 euros

► **ESTEIROS**

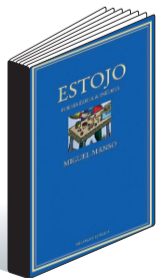
Húmus, 226 pp, 4,44 euros

estética: “sua excelência o mar” (p.150); “escrever/ foguetear no nevoeiro” (p.179), “Um cubo de gelo no centro do deserto. Esse o diamante” (p.165).

Poemas há, por outro lado, para além da brevidade prodigiosamente imaginística, que, em prosa, mostram a arte difícil de, contando um dado episódio, escapar à literal linguagem de poemas que, sendo prosa, nunca são poéticos. Mas a prosa de Manso é estudada, obedece a leis só suas, a que a reiterada imagem do diamante (a prosa diamantina, isso o que Verlaine identifica nos poemas de Rimbaud) empresta a dimensão adequada e a agudeza no modo como constrói a cena poética confere o desenho justo. Acresce a inventiva lexical, o jogo com a construção morfológica, certo gozo em destemperar a seriedade da poesia: “Esperar à

sombra num dia de calor. Ninguém virá. Mas o que é uma espera e como se faz? O que é sentar-se nessa espera, adentro, se não for para esperar-se, a si. Ninguém virá, tão-pouco o próprio, à emboscada. Mas o sentar fica e basta é benigno. Que se sente aquele que caminha desafortado por fora dos seus passos e vai a lado nenhum [...]” (p.164).

Com *Estojo* (Relógio d’Água, 2020), MM ensina o caminho à poesia atual entre nós: há um poema, “Luiza Neto Jorge”, que mostra bem que é a preocupação verbal o horizonte a que os seus livros apontam: uma poesia de forte estruturação discursiva, que, à semelhança da da autora de *Ciclópico Ato*, desfia as palavras com a lâmina aguda dum saber antigo e novo: “a coisa póstuma ascende/ sobre a prévia coisa, dizemos: tudo o que descende/ a morte extrai” (p.198). Direi mais: se 2020 foi ano de alguns livros de poesia instigantes, que promovem perguntas e ampliam o nosso olhar sobre o estado atual da arte, a obra de Miguel-Manso, com viagens diversas aos bastidores dum ‘eu’ a braços com o espanto de estar aqui, é a que mais longe lança a nossa portuguesa língua e a renova, à maneira dum Nobre que trouxesse para o erudito falas diversas onde o povo vem dizer-se: “a vastidão das muscineas ondeando no azul// terá perguntado:/ quem pode buer toda esta áuga?” (p.190). **JL**



► *Miguel-Manso*
ESTOJO

Relógio d’Água, 224 pp., 17 euros

APE
ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
de ESCRITORES

BRAGA
Cidade autêntica

GRANDE PRÉMIO DE LITERATURA DE VIAGENS MARIA ONDINA BRAGA APE/C. M. DE BRAGA

REGULAMENTO

- O Grande Prémio Maria Ondina Braga APE/C. M. de Braga, instituído pela Associação Portuguesa de Escritores (APE) e patrocinado pela Câmara Municipal de Braga, destina-se a galardoar anualmente uma obra em português e de autor português, no domínio da *Literatura de Viagens*, publicada integralmente e em 1.ª edição, nos termos deste regulamento.
- 1.º – Nesta edição serão admitidas a concurso obras publicadas no ano 2020.
- 2.º – O valor deste Grande Prémio, a cujo concurso não são admitidas obras póstumas, é de € 12.500,00.
- 3.º – A divulgação do Regulamento é feita através dos meios de comunicação social, do sítio oficial da APE e mediante circulares aos seus sócios, bem como por envio para difusão a entidades directamente interessadas.
- 4.º – De cada livro concorrente serão enviados cinco exemplares para a Sede da APE (Rua de São Domingos à Lapa, 17 – 1200-832 Lisboa), destinados aos membros do júri e à Biblioteca, devendo ser entregues, até **9 de Junho de 2021**. Os livros não serão devolvidos pela APE.
- 5.º – A Direcção da APE designará os três membros do Júri, que não poderá integrar autores ou editores com livros a concurso.
- 6.º – De ano para ano o Júri será parcialmente renovado.
- 7.º – O Júri disporá de trinta dias para deliberar, reunindo, nesse período de tempo, sempre que achar conveniente.
 - 1.º – A deliberação é tomada por maioria simples, excluindo-se sempre a posição de abstenção, bem como a possibilidade de atribuição *ex-aequo* e de menções honrosas.
 - 2.º – O Grande Prémio não será atribuído se o Júri entender que nenhuma das obras em concurso o justifica.
 - 3.º – Tomada a deliberação, de que não cabe recurso, o Júri lavrará uma acta final que, em anexo, poderá conter declarações individuais de voto de qualquer dos seus membros.
 - 4.º – Ao júri compete decidir casos omissos.
- 8.º – O Coordenador do Grande Prémio, membro da Direcção da APE, prestará, nas sessões que vierem a realizar-se, todo o apoio necessário ao funcionamento do Júri.
- 9.º – Far-se-á o anúncio da obra premiada logo após a deliberação do Júri, dando-se mais tarde a conhecer, em momento oportuno e pelos meios considerados idóneos, os fundamentos da opção deste, designadamente através da divulgação da acta e das declarações de voto dos seus membros, quando existirem.
- 10.º – A entrega do Grande Prémio ao autor galardoado ocorrerá numa cerimónia pública que terá lugar em Braga, na altura adequada.
- 11.º – As edições subsequentes da obra galardoada deverão referenciar, em lugar destacado do volume e da cinta, de forma correcta, o Grande Prémio e a entidade patrocinadora. Assim: **Grande Prémio de Literatura de Viagens Maria Ondina Braga APE/C. M. de Braga – 2021**.

Rua S. Domingos à Lapa, 17 | 1200-832 LISBOA • PORTUGAL | Telefone +351 21 397 18 99 | Fax +351 21 397 23 41
e-mail: info@apescritores.pt | <http://www.apescritores.pt>